

ESPAÇO, INDÚSTRIA E TRABALHO: A INSERÇÃO DE SOBRAL NA DIVISÃO ESPACIAL DA PRODUÇÃO CALÇADISTA

Diego Gadelha

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE-

Campus Limoeiro do Norte

Brasil – Ceará – Limoeiro do Norte

Introdução

Historicamente concentrada em dois pólos tradicionais, o município de Franca (SP) e as cidades do Vale do Rio dos Sinos (RS), a produção calçadista brasileira passou nas últimas décadas por uma reestruturação que se consubstancia de duas maneiras: i) reorganização da produção e intensificação do controle sobre a força de trabalho, principal estratégia utilizada até o final da década de 1980 e ii) realocização das plantas industriais para *espaços de reserva*, alternativa encontrada pelos empresários do setor, na década de 1990, para tentar fugir da crise que assolava a produção calçadista nacional.

É com base nessa reestruturação produtiva e na redefinição da divisão espacial da produção calçadista, via *guerra dos lugares*, que o Município de Sobral, localizado na região Noroeste do Estado do Ceará, aparece no contexto nacional como materialização do movimento de realocização das unidades fabris em direção ao Nordeste brasileiro.

As transformações decorrentes da apropriação do Município para desempenhar uma função na complexa divisão espacial da produção calçadista é o motivo condutor deste artigo, que privilegiará a pesquisa acerca da inserção de Sobral no circuito espacial da produção calçadista brasileira e a decorrente redefinição da forma-conteúdo do lugar via impacto nos indicadores econômicos, dinamização do mercado de trabalho e o seu rebatimento no espaço urbano sobralense.

Indústria calçadista sobralense: a nova dinâmica espacial

A produção do calçado não é um fato novo na história industrial de Sobral. Data do século XIX a instalação, no Município, das primeiras atividades ligadas à produção calçadista com o uso do couro, exercida de modo artesanal, com capacidade de produção reduzida, assim como de pouco alcance no sistema de trocas. O que marcava as primeiras unidades produtoras de calçado era a ligação com o lugar, isto é, o capital era local, a produção tinha normas e técnicas locais, vinculadas à transformação da produção agropecuária da região. Poder-se-ia falar de uma relação direta entre a produção e a lógica do espaço regional.

A produção calçadista do Município ganha destaque com a criação da Associação dos Pequenos Fabricantes de Calçados de Sobral (ASPEFACS), fundada em 1991. Essa organização nasceu da necessidade de unir, por meio de cooperativas, os produtores que se encontravam dispersos espacialmente no Município de Sobral, com objetivo de racionalizar e expandir a produção¹.

A ASPEFACS tinha como alvo produzir calçados populares de couro, com mercado de abrangência regional. O Governo do Estado e a Prefeitura municipal financiaram a compra de máquinas necessárias à mecanização da produção, assim como garantiram parte da compra do produto final no Programa de Compras do Governo, contribuindo para desenvolver um pólo de produção calçadista no Município.

A produção estimada era de 400.000 pares/mês, de botas e luvas em couro, com a geração de uma média de 2.000 empregos, totalizando investimentos na ordem 1 bilhão de dólares, financiados pelo Fundo de Desenvolvimento do Ceará – FDC².

A ASPEFACS chegou a contar com doze associações de bairros, cada uma com um presidente, distribuídas na zona urbana de Sobral, principalmente nos bairros da periferia da Cidade como: COHAB I, Terrenos Novos, Sumaré, Alto da Brasília.

Ainda no início da década de 1990, contudo, um novo evento impôs um conjunto de transformações na produção calçadista local. Mais precisamente em 1993,

¹ O projeto de criação teve a parceria da Universidade do Vale do Acaraú (UVA), do Serviço de Apoio à Pequena Empresa (SEBRAE) e do Núcleo de Tecnologia do Estado do Ceará (NUTEC), numa articulação da prefeitura com o governo do Estado, que atuavam na gestão da produção e treinamento da força de trabalho, buscando garantir uma produção em moldes racionais, com maior escala para competir no mercado.

² Correio da Semana, março, 1993, p. 3.

o Município foi selecionado pela empresa Grendene Calçados S/A, de capital gaúcho, que no contexto da reestruturação da produção calçadista brasileira buscava novos lugares que oferecessem um conjunto de normas e variáveis lucrativas para recuperar a competitividade da empresa ante a concorrência intercapitalista da produção mundial de calçados.

Como um *ponto luminoso* no sítio urbano de Sobral, a Grendene instaurou um novo capítulo da produção calçadista do Município, sem escalas precedentes de comparação. São sete unidades, que ocupam, aproximadamente, 154 mil metros quadrados de área construída, em cerca de 500 mil metros quadrados de terreno.

A força hegemônica desse novo capital industrial não estabelece vínculos de dependência com a produção regional. É uma lógica exterior que o lugar acolhe e tem sua forma-conteúdo reestruturada para atender ao vetor de modernização, marcando uma ruptura com todas as formas de produção calçadistas desempenhadas pelo Município em tempos pretéritos.

A empresa tem capacidade de produzir 138 milhões de pares, por ano, número que situa o município como o maior produtor de calçados do Ceará, concentrando sozinho mais de 60% da produção estadual (GRENDENE, 2006).

A conformação dessa estrutura produtiva, distribuída em suas sete fábricas, não poderia ocorrer sem alterar a dinâmica da produção do espaço urbano-regional. A cada aumento da capacidade produtiva, com a instalação das novas unidades, mais trabalhadores eram recrutados, fato que incorria em maior mobilização de força de trabalho, não só no espaço urbano sobralense, mas também, envolvendo os municípios vizinhos, alcançando o espaço regional. Os fluxos de troca foram também intensificados, representados pela dinâmica dos caminhões que penetram a Sede do Município via BR-222 e cruzam o espaço urbano até alcançar a planta industrial da empresa, no bairro da Expectativa.

A consolidação dessa nova dinâmica exigiu transformações do espaço urbano. No início dos anos 2000, a instalação de dois eixos marcaram essas mudanças. Primeiro, a construção de duas vias, *Avenida Pericentral* e o *Acesso às Áreas Industriais*, assim denominadas no Plano de Diretor de Desenvolvimento Urbano, que servem para viabilizar a dinamização dos fluxos que cruzam a cidade de Sobral em

direção à fábrica de calçados (PDDU, 2000). O outro fixo instalado foi a nova linha de alta de tensão da Companhia Energética do Ceará (COELCE), com 69.000 kw, visando a garantir o fornecimento de energia para a Grendene, de modo a atender aos constantes aumentos na capacidade produtiva da empresa.

O novo capital industrial não transforma apenas a materialidade do espaço. A participação da indústria calçadista é destacada, também, nos indicadores econômicos de Sobral. Tal afirmação pode ser comprovada na arrecadação do ICMS. Como relata o PDDU de 2000:

[...] 80% do ICMS arrecadado pelo Estado no Município de Sobral é proveniente da indústria, 14% pelo comércio e apenas 6% pela agricultura. Contudo, o município é altamente dependente de uma única empresa, pois 65% do ICMS atualmente arrecadado em Sobral é proveniente da Grendene (empresa de calçados) assim como 59% do total de postos de trabalho formais (7.100 empregos) ofertados pelo setor industrial de Sobral, conforme informações da Prefeitura Municipal (PDDU, 2000, p. 23)

A evolução da arrecadação do ICMS é um fato que também merece destaque. Os dados publicados pela Prefeitura destacam que a arrecadação de ICMS, em Sobral, no período de 1993-2001, aumentou em 491,2 % e, conseqüentemente, o repasse de imposto para o Município conheceu um incremento, no mesmo período, de 200,1%. Se a Grendene-Sobral, sozinha, participa com 65% dessa arrecadação, pode-se deduzir a importância da empresa para o Município.

Quando se trata do PIB-industrial, com base nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no intervalo de 1985-2005, vê-se que este indicador conheceu aumento de mais de 100%, fazendo com que Sobral passasse a ocupar o terceiro lugar no *ranking* do PIB-industrial do Estado, atrás apenas de Fortaleza e de Maracanaú. Tal indicador revela a importância de Sobral no parque industrial cearense, ultrapassando até mesmo importantes aglomerações industriais da RMF como, Horizonte, Pacajus e Eusébio³.

³Segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), ano 2000, referentes ao montante do PIB-industrial do Estado, Fortaleza participa com 45,01%; Maracanaú, 17,12%; Sobral, 6,33%; Eusébio 4,7%, seguidos por Pacajus e Horizonte, na casa de 2,8%.

Outro fato que merece destaque é, sem dúvida, o papel que a Grendene-Sobral desempenha na exportação do seu produto final. Segundo dados da Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) do Governo Federal, relativo ao ano de 2000, as unidades da Grendene-Sobral foram responsáveis por 50% das exportações cearenses de calçados, aparecendo no seletor *ranking* estadual de empresas com o valor de exportação acima de US\$ 50 milhões. Assim, a importância da fábrica sobralense é notória, também, na escala do Estado. É na escala do município, porém, que a participação na pauta de exportação impressiona. Como é possível observar na Tabela, a Grendene-Sobral foi responsável, em 2007, por 99,46% do valor das exportações do Município.

TABELA 1– Principais Empresas Exportadoras – Sobral

Empresas	2006 (Jan./Dez.)		2007 (Jan./Dez.)		Var %
	US\$ F. O.B.	Part %	US\$ F. O.B.	Part %	US\$ F.O.B. 2007/2006
Total das principais empresas	77.363.600	100	91.959.751	100	18,87
1 – Grendene S.A.	70.892.640	91,64	91.462.743	99,46	29,02
2 – S2 Brazil Importação e Exportação LTDA.	0	0	352.996	0,38	0
3 – F P. Comércio Importação e Exportação LTDA.	386.240	0,5	73.342	0,08	-81,01
4 – Francisco Evaristo Bezerra	62.408	0,08	48.588	0,05	-22,14
5 – Marcotex Mineração LTDA.	0	0	22.082	0,02	0
6 – Cimento Poty S.A.	6.022.312	7,78	0	0	0

Fonte: SECEX, 2007-2006.

Não é apenas no âmbito da exportação que a Grendene-Sobral dinamiza a economia urbana. Quando se analisa a importância da empresa pela variável importação, percebe-se, também, sua hegemonia, pois, em 2007, ela participou com 65,11% do valor das importações do Município. Toda essa centralidade ajuda a se entender a evolução dos indicadores relacionados à indústria em escala municipal, bem como observar a necessidade de reestruturação do espaço sobralense para fluidez e eficácia da produção.

Essa hegemonia da Grendene no local revela duas realidades: (i) a Grendene-Sobral é o principal elo de Sobral com o mundo, inserindo o Município na divisão internacional do trabalho; (ii) as demais indústrias sobralenses, em sua maioria, não ultrapassam a escala regional e, apenas com exceções, alcançam a totalidade do território nacional nos seus *circuitos espaciais e círculos de cooperação* (SANTOS; SILVEIRA, 2003). Enfim, é uma força sem concorrência na escala local, ofuscando a importância das demais indústrias instaladas ao longo do processo histórico na exportação.

Percebe-se, com efeito, que o processo ora consolidado tem como importante motor da produção do espaço a nova indústria de calçados. Essa afirmação é percebida na análise dos indicadores econômicos e, sobretudo, pode ser apreendida na fala dos sobralenses, das diversas classes e atuação na divisão social do trabalho: políticos, trabalhadores, comerciantes, representantes de instituições públicas, dentre outras.

É uníssono: Sobral tem uma *'nova vida'* com a instalação da indústria de calçados. É uma fala de orgulho e aflição, pois boa parte dos depoentes reconhece a dependência econômica do Município em relação ao mercado de trabalho ensejado pela empresa e seu impacto nas contas municipais.

A instalação das unidades produtoras da Grendene em Sobral, todavia, além de influenciar as contas municipais e a economia urbana, insere a Cidade no novo mapa da produção calçadista brasileira, com uma função específica dentro da hierarquia dos *circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação* (SANTOS; SILVEIRA, 2003).

Grendene-Sobral: reestruturação da forma-conteúdo do lugar

A atual fase de mundialização do capital, marcada pela crise do fordismo, na década de 1970, tem como uma de suas características a redução das barreiras espaciais, em decorrência da fluidez informacional e do desenvolvimento dos sistemas de transportes, que garantem uma *compressão espaço-tempo* (HARVEY, 2004),

possibilitando que a mesma empresa distribua em diferentes territórios partes do processo produtivo, antes concentrado no mesmo local.

Foi nesse contexto que a Grendene fragmentou sua produção pelo território nacional, alcançando novos lugares, alargando seu raio de ação por meio de redes que ligam os espaços da produção.

Sobral é o nó mais denso dessa rede no Ceará, por concentrar 87% (GRENENE, 2006) de toda a produção de calçados da empresa e pelo fato de a unidade, localizada no Município, articular-se com diversas parcelas do espaço do mundo para completar seu circuito espacial da produção.

É nessa trama que a escala de relação do lugar se alarga e ganha densidade. Os fluxos de informação e produtos que chegam e partem de Sobral conhecem uma nova dinâmica decorrente da sua inserção na divisão espacial da produção calçadista brasileira.

Ante a complexidade de articulações que a empresa desenvolve, é válido classificar o *circuito espacial* e os *círculos de cooperação* de duas maneiras: a primeira se efetiva nas relações de troca estabelecidas entre as unidades da Grendene dispersas no território nacional, desde a ordem de como e o que produzir, passando pela produção em si, até para onde enviar o produto final; e a segunda, por meio das relações da unidade-Sobral com outras parcelas do espaço mundial no envio de insumos necessários à produção, assim como os lugares de destino do produto final.

No que tange ao primeiro grupo de relações, a unidade de Sobral tem vínculos diretos com a Sede Administrativa no município de Farroupilha e com a fábrica de matrizes em Carlos Barbosa, ambas no Rio Grande do Sul. É de lá que partem as ordens para iniciar o processo produtivo, as normas de como produzir, quanto produzir e para onde enviar o produto final, bem como, os moldes que serão utilizados para produzir o calçado, demonstrando uma separação em *concepção* e *execução* do trabalho na divisão espacial da produção da empresa.

No âmbito do território cearense, entretanto, existe ainda intensa relação entre Sobral e as duas outras filiais da Grendene instaladas no Estado, uma na cidade do Crato e outra em Fortaleza, formando uma rede de produção que liga pontos distintos do espaço numa relação de complementaridade e dependência.

Sobral, por contar com unidade própria para a fabricação de PVC, principal matéria-prima do calçado, acaba por comandar a hierarquia de trocas entre Fortaleza e Crato. Nesse último Município, a empresa dispõe da produção de componentes em EVA, outra matéria-prima para o calçado, estabelecendo relação direta com Sobral.

A circulação de insumos entre as três fábricas dispersas no território cearense é realizada pela transportadora MAQ Transporte e, eventualmente, pela COMETA Transportadora. Ambas se instalaram em Sobral pós-Grendene e contam com escritório funcionando dentro da fábrica.

No que diz respeito à segunda categoria de relação, o Município expande ainda mais sua escala de relação com as diversas parcelas do espaço mundial. É, sem dúvida, na aquisição de matéria-prima e envio do produto final que a Unidade-Sobral se insere no sistema mundial de trocas, dando maior densidade aos fluxos que chegam e partem para efetivar a realização da mais-valia.

Segundo questionário aplicado junto à empresa no ano de 2007, o Sudeste é a região que mais se relaciona com Sobral para efetivar o circuito espacial da produção, seja pela aquisição de matérias-primas ou pelo consumo do produto final. Cerca de 60% dos insumos utilizados na fabricação de calçados em Sobral provém dessa região. O sul do País é responsável por 10%, o Nordeste por 8%, enquanto o Centro-Oeste e o Norte nada contribuem nessa etapa do circuito espacial. Já o mercado externo é responsável por 14% das matérias-primas utilizadas, que procedem, principalmente, da China e dos EUA. Sobral merece destaque em separado, uma vez que 8% dos insumos são adquiridos no Município, fato explicado pela presença de uma empresa de embalagens e outra de pigmentos que ali se instalaram, acompanhando a força dinamizadora da Grendene, estabelecendo desta forma, laços diretos com a empresa no espaço sobralense.

É no envio do produto final, porém, que o lugar alarga sua relação com as diversas parcelas do espaço mundial. Todas as regiões do Brasil recebem calçados produzidos em Sobral. Cerca de 85% da produção da unidade destina-se ao mercado nacional. Do total destino ao mercado interno, a região Sudeste é responsável por consumir 55% da produção, a Nordeste 20%, Sul 15% e Norte e Centro-Oeste, cada qual, com 5%. O mercado externo é responsável por apenas 15% do consumo, sendo

principais importadores Estados Unidos, Uruguai, México, alcançando ainda um raio de 85 países espalhados pelos principais continentes, ainda segundo dados extraídos do questionário retrocitado.

No território nacional, segundo pesquisa direta à empresa, o produto é escoado 100% via transporte rodoviário, por uma empresa transportadora, que também se instalou em Sobral, pós-Grendene, funcionando dentro da planta industrial. Quanto ao envio do produto ao mercado externo, o transporte rodoviário fica com apenas 5%, notadamente para países da América Sul. O transporte aéreo perfaz 20% do total, utilizando o Aeroporto Internacional Pinto Martins, localizado em Fortaleza, e o transporte marítimo é responsável por 75%, com maior participação do Porto do Pecém, no Município de São Gonçalo do Amarante, na Região Metropolitana de Fortaleza, e o Porto do Mucuripe, na Capital cearense.

De fato, a Grendene-Sobral impõe maior densidade às relações que o Município passa a desempenhar com as demais parcelas do espaço mundial. Os *circuitos espaciais* e os *círculos de cooperação* necessários à produção de calçados insere Sobral na rede mundial de trocas, redefinindo o conteúdo do lugar.

Não obstante, a consolidação da produção calçadista no Município de Sobral não alterou apenas as contas municipais ou a densidade de relações do lugar com os diversos subespaços do globo, mas também produziu a proletarização da força de trabalho. Este processo, que se iniciou em Sobral pós-instalação da fábrica da Grendene, é um evento que merece destaque na leitura da reestruturação sócio-espacial pela qual transita o município nos últimos anos.

Com a instalação da Grendene, os números do mercado de trabalho passaram a gravitar ao redor de uma nova ordem. De acordo com dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho, no intervalo de 1990-2000, o emprego industrial do Município saltou, em apenas 10 anos, de 2.640 para 10.948. Tal crescimento tem como principal motor o grande número de força de trabalho consumida pela Grendene-Sobral. Só a empresa recrutou, no ano de 2000, 8.596 trabalhadores, restando para os demais estabelecimentos industriais a participação em apenas 2.352 postos de trabalho, ainda de acordo com dados do RAIS.

O que marca a força de trabalho consumida pela Grendene-Sobral é sua falta de tradição no trabalho industrial. Uma parte dos operários jamais havia ocupado um posto na indústria e uma boa parte sequer exercia alguma atividade produtiva ou, se exercia, não era formal. Assim, a proletarização inseriu um grande número de trabalhadores num cotidiano vigiado, repetitivo e intensivo do trabalho fabril.

O processo produtivo é caracterizado por múltiplas estratégias de organização da produção, como é possível observar em pesquisa de campo. A esteira fordista ainda é intensamente usada, entretanto, mesclada a formas de organização em células de produção e mini fábricas, posicionadas racionalmente no espaço interno da fábrica para atender a produção diversificada dos vários modelos de calçados.

A hierarquia no espaço da produção e a divisão do trabalho são expressas nas fardas dos trabalhadores, chamada entre eles de bata. Cada função no processo produtivo tem uma tonalidade diferente de bata. A *azul-clara* representa os trabalhadores do chão de fábrica, a grande maioria; a *azul-escura* é usada pelos funcionários responsáveis pela manutenção das máquinas; a *cinza* representa os auxiliares de setor e analistas técnicos de produção; a *bege* marca o olhar atento do supervisor técnico, este responsável por controlar o ritmo da produção, fiscalizar o trabalho, 'incentivar' ganhos de produtividade, muitas vezes sob pressão. Já a bata *azul-clara com gola vermelha* é usada pelos trabalhadores de controle da produção e qualidade do produto; a *azul-clara com gola azul-escura* representa os trabalhadores do setor de engenharia de processos, responsáveis pela constante reorganização do *layout* da fábrica e, por fim, os trabalhadores com bata *azul-clara com gola amarela* são os líderes de seção, responsáveis diretos pela pontualidade e qualidade dos pedidos.

Tal hierarquia traz como viva a mesma hierarquia da divisão taylorista/fordista do trabalho. O símbolo da bata reflete, também, o nível de formação de cada trabalhador, seu tempo de serviço na empresa, pois representam ascensão funcional e, o mais importante, a diferença no valor do salário que cada um recebe em troca do uso de sua força de trabalho.

Tal uso é intenso. Em entrevistas com os trabalhadores, estes revelam que ao se aproximar o final do ano, o ritmo de produção aumenta de velocidade e se

intensifica a pressão no espaço da produção para dar conta dos pedidos no prazo e com qualidade.

O Município conta com um sindicato dos trabalhadores calçadistas, fundado no ano de 1995. Em 2007, o sindicato acumulou 6.214 sindicalizados, quase metade do número total de trabalhadores da empresa, que, em julho de 2007, chegou a 13.607, com base nos dados do próprio Sindicato⁴.

Como já se poderia esperar, a política sindical combativa está ausente da organização dos trabalhadores de calçados de Sobral, acompanhando a tendência nacional de desmontagem dos sindicatos, que, assim como a classe trabalhadora, agoniza em sua mais profunda crise, com um processo de esvaziamento da luta política e das reivindicações por melhores condições de trabalho e salários, em nome da submissão ao sindicalismo de empresa (ANTUNES, 2003).

Todos esses fatores fizeram com que a Grendene-Sobral se instalasse num profícuo espaço para efetivar com eficácia seus interesses. Gozando de incentivos públicos, a empresa encontrou, ainda, um “reservatório” de força de trabalho sem muitas opções, a não ser se subjugar ao imperativo da disciplina do trabalho industrial e a sua intensa jornada de trabalho. Ao mesmo tempo, não encontrou nenhuma organização combativa dos trabalhadores para fiscalizar e controlar os usos e abusos no consumo da força de trabalho local.

O resultado dessa trama favorável foi um crescimento no lucro da empresa de 10 vezes, no intervalo de 1994-2005. Além do aumento da rentabilidade, a empresa alcançou no passar dos anos um papel significativo no montante da produção calçadista nacional, fechando o ano de 2006 com 19,1% de participação no mercado brasileiro de calçados e 17,5% das exportações nacionais, reiterando que suas operações fora da fronteira do Rio Grande do Sul não só representaram uma estratégia de sobrevivência da empresa, como também garantiram um crescimento exponencial de seu capital (GRENDENE, 2006).

Como o Município de Sobral não se apropria do lucro, restou à cidade um conjunto de transformações no seu espaço urbano, desencadeadas pela migração de

⁴ Apesar de Sobral contar com pequenas fábricas de calçado, apenas os trabalhadores da Grendene são sindicalizados na referida entidade.

trabalhadores em busca de emprego de carteira assinada oferecido pela empresa calçadista; pela expansão da periferia, principal destino dos migrantes; e formação de um mercado de aluguéis, principalmente no entorno da planta industrial, entre outras.

Os bairros Alto da Brasília, Parque Silvana I e Alto da Expectativa conheceram com maior intensidade esse processo, principalmente por ser nesse limite territorial que a empresa instalou as sete unidades produtivas. É justamente nesse entorno que se nota a instalação desse fixo trazendo consigo rebatimentos também na escala do espaço urbano.

Tal destaque é evidenciado por dois processos: primeiro, os dois bairros passaram por mudanças profundas desde a incorporação de um conjunto de fixos, principalmente ruas e avenidas, para escoar a produção e facilitar o acesso à empresa, redefinindo a circulação de pessoas e meios de transportes em sua direção; segundo, por uma transformação da dinâmica do lugar, que ganhou novos elementos, tais como: moto taxistas, caminhões, ônibus e um grande deslocamento de trabalhadores da empresa por bicicleta, a pé e moto, marcando os novos elementos da dinâmica local.

É na troca de turnos dos trabalhadores, porém, que tais elementos ganham velocidade, formando uma paisagem particular no espaço urbano de Sobral. Nos dois portões de acesso à fábrica, a movimentação é intensa, onde familiares esperam pelos trabalhadores de moto ou bicicleta, moto taxistas e, ainda, há uma concentração de trabalhadores informais, que aproveitam a ocasião para vender produtos diversos.

No horário pré estabelecido da troca de turnos, os portões se abrem e uma grande leva de batas azuis deixa a fábrica. Os ambulantes se animam, divulgam seus produtos e os trabalhadores seguem cada um seu caminho. Muitos se infiltram a pé nas ruas dos dois bairros. Alguns, favorecidos pela proximidade do local de trabalho da sua moradia, terão mais tempo para reproduzir sua força de trabalho, enquanto outros cruzam o espaço urbano até chegar aos bairros da periferia sobralense, Terrenos Novos, Sinhá Sabóia, Pedrinhas, Dom Expedito, ou ainda, aos municípios do entorno, principalmente, Massapê, Forquilha, Meruoca, Santana do Acaraú e Groaíras.

As moradias que ficam próximas aos portões de acesso aproveitam o fluxo diário de trabalhadores. Algumas foram transformadas em comércio, principalmente, de 'lanche rápido'. O que mais chama a atenção, no entanto, é a estratégia de alguns

moradores de adaptarem suas moradias em bicicletários. Embora a empresa disponibilize um local específico para estacionamento das bicicletas e motos dos trabalhadores, estes revelam que na hora da troca de turno acontecem trocas de veículos e, principalmente, perdiam muito tempo esperando na fila para pegar seu transporte e deixar a fábrica.

Ainda como marca das transformações do entorno, houve considerável valorização da área nos últimos anos. Por se encontrar próximo à empresa, os preços do terreno e do aluguel aumentaram significativamente. Grande parte dos trabalhadores que habitam os bairros Alto da Brasília, Parque Silvana I e Alto da Expectativa paga aluguéis. A coabitação também é comum. Algumas casas funcionam como verdadeiras repúblicas de trabalhadores, sobretudo para aqueles que migraram para Sobral.

Nota-se, com efeito, que a incorporação do Município à divisão espacial da produção calçadista não ocorreu sem uma intensa reestruturação sócio-espacial que se materializa via: (1) proletarização da força de trabalho local, inserida na lógica vigiada e repetitiva da esteira fordista no espaço da produção; (2) migração de um grande contingente de força de trabalho na busca de emprego com carteira assinada, resultando na expansão da periferização; (3) pressão no mercado imobiliário local em decorrência dessa migração, aumentando o preço do solo e aluguéis, notadamente no entorno das fábricas de calçado; (4) redefinição da articulação do lugar com outras parcelas do espaço mundial por intermédio da compra de insumos e envio do produto final; e (5) comando da indústria ante os outros setores da economia no que diz respeito à arrecadação de impostos e geração de empregos.

Considerações finais

Não há como questionar o grande dinamismo que o Município conheceu pós-instalação da Grendene Calçados, mas, também, não se há de esconder a contradição que se instala no lugar fruto desse processo. O *uso* e *abuso* da força de trabalho local e todas as transformações urbanas decorrentes da inserção dos novos lugares na divisão espacial da produção calçadista são faces encobertas nas propagandas governamentais que difundem o sucesso dos modelos de atração e desenvolvimento

da atividade industrial, alardeando como um *modelo de desenvolvimento econômico sustentável*.

Até quando? A pergunta deve ser feita, pois, como se percebe, o que marca o setor calçadista é uma grande instabilidade de dupla origem: (1) do mercado interno, principal comprador do produto final das empresas calçadistas nacionais; (2) e dos concorrentes internacionais, que ganham cada vez mais espaço no mercado nacional e ainda disputam diretamente com os calçados brasileiros no plano mundial. A China é o principal exemplo dessa concorrência intercapitalista. Por isso, a preocupação com as contas do setor não é exclusiva do empresário calçadista, mas agora, também, da Prefeitura de Sobral e da população sobralense, que buscam assegurar a permanência desse capital na sua fronteira.

No atual período, porém, a preocupação da sociedade sobralense não se refere somente à “saúde” do setor, mas também a outra concorrência, ou seria, como ressalta Santos, (2004) uma *guerra*? Sim, uma *guerra dos lugares*, que disputam entre si a atração de investimentos e novas tramas produtivas, oferecendo um conjunto de *virtualidades*: isenções fiscais, terrenos, financiamentos, contratos de uso exclusivo da força de trabalho local etc. Um verdadeiro leilão. Ganha quem oferecer a maior rentabilidade aos interesses privatistas, impondo uma profunda rendição do lugar, que passa a depender e defender o capital privado, sendo que este *usa e abusa* da produtividade local até que outro subespaço do globo ofereça proposta mais lucrativa.

Essa instabilidade é uma preocupação freqüente da população sobralense, legitimando a dependência do lugar ante a nova dinâmica econômica gerada pela proletarização da força de trabalho local, que dinamiza todas as esferas da economia urbana. Afinal, só a Grendene-Sobral é responsável por mais de 80% dos empregos formais do setor industrial local. Até quando, Sobral, ostentará toda essa nova opulência que circula ao redor do emprego calçadista?

Bibliografia consultada

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CORREIO DA SEMANA. **Pólo Calçadista auxilia no desenvolvimento do município sobralense**. Sobral, Março, 1993, p. 3.

GADELHA, Diego; PEREIRA JÚNIOR, Edílson. O novo espaço da produção calçadista no Ceará: o caso do município de Russas. In. ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Orgs.). **Difusão do Agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. 2006.

GRENDENE. **Relatório Anual 2006** – online. Disponível em:
<<http://www.grendene.com.br>>. Acesso em: 13 de set. 2008.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IPECE. **Anuário Estatístico do Ceará - 2002/2003**. Disponível em:
<http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario_2003/anuario_2002_2003/f1f2f3.htm>.
Acesso em: 13 set. 2008.

NAVARRO, Vera Lúcia. **Trabalho e trabalhadores do calçado: a indústria calçadista de Franca (SP) – das origens artesanais à reestruturação produtiva**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.